A bilíngue

No início da década de setenta, sentia-me um privilegiado Tenente-Aviador, servindo na Base Aérea de Brasília e voando muito, desde o L-6 Paulistinha usado como alvo aéreo, para treinamento dos artilheiros do Exército Brasileiro, até o C-47 Douglas muito usado nas linhas regionais do Correio Aéreo Nacional, além dos T-6 armados da ERA 61 (Primeira Esquadrilha de Reconhecimento e Ataque da Sexta Zona Aérea), C-45 Beechcraft apelidado injustamente de mata-sete, C-45T Beechcraft conhecido como muriçoca e os dois C-8 Beechcraft Queen-Air da Polícia Federal operados por nós.

Encontrava-me escalado para uma missão, num sábado, de mata-sete, para levar um importante dirigente da Funai em visita ao Posto Leonardo, no Parque Nacional do Xingu, uma reserva indígena que recebeu este nome em justa homenagem a Leornado, irmão de Cláudio e Orlando Villas Boas, sertanistas que dedicaram 42 anos na pacificação, defesa e proteção dos indígenas brasileiros.

A razão da visita ao Posto deveu-se a um epidemia de gripe que lá estava ocorrendo e exigindo providências imediatas, haja vista que para os indígenas vírus de gripe podem ser letais.

Causou-me espanto quando recebi o ilustre casal, na Base Aérea e a esposa da autoridade da Funai parecia que ia a uma festa pelo jeito que estava vestida: um slack azul escuro com um cinto dourado nada discreto, calçando um tamancão branco e dourado que, sem sombra de dúvidas, iria deixar as índias morrendo de inveja.

Àquela época íamos muito ao Posto Leonardo, lugarzinho quente no meio da floresta e cheio de mosquitos, além daquele cheiro esquisito que recendia dos interiores das ocas. Pensei com meus botões: a madame não tem a mínima idéia do que irá encontrar, já imaginava quando ela descesse do avião e visse aqueles índios fortes, com os seus badalos pintados de vermelho que sem nenhuma cerimônia seguravam para urinar e depois vinham cumprimentar-nos com um vigoroso aperto de mão, a madame ia pirar quando visse a morfologia do badalo e tivesse que retribuir o cumprimento daquela mão suada e calejada.

Assim que pousamos, passados os instantes de terror iniciais, o zeloso representante acompanhado por um dos irmãos Villas Boas e de um médico da Funai, dirigiu-se para as enfermarias e recomendou à esposa que ficasse sentada em um dos bancos sob a sombra de uma frondosa mangueira. Eu que também não sou muito chegado a visitar doentes, fiquei ao lado da madame jogando conversa fora.

Tudo ia bem até o momento que um jovem e forte índio, de bermuda e sem camisa veio juntar-se a nós, mas é bom que se diga que esse era um índio que estava na aldeia de férias já que ele morava e estudava em São Paulo na casa de um dos Villas Boas.

A madame cheia de emoção percebera que, finalmente, chegara a hora de testar a sua longa formação no idioma indígena feita a duras penas sacrificando as suas horas de lazer para ajudar o marido na sua importante função. Inspirou fundo e dirigindo-se ao jovem perguntou: Com que índio cortar cabelo? Ele prontamente respondeu: - Com tesoura, madame! A decepção foi total, eu, respeitosamente, olhei para o lado e discretamente gargalhei.

Macaé, 28 de novembro de 2014.